

A morfossintaxe nasceu no século XIX a partir dos estudos de August Schlegel. Encantado com a teoria da evolução de Charles Darwin, aplicou-a nos línguas, demonstrando que elas se assemelhavam na evolução às espécies animais. De fato, seguiu a ideia já evidentemente conhecida de que língua e vida humana são concomitantes. Apoiou na estrutura da palavra a existência das duas partes que a compõem a significação e as formas gramaticais. Nos estudos do século XIX, a significação é nomeada de lexema e as formas gramaticais de gramemas.

Todos são morfemas. Morfemas lexicais ou lexemas e morfemas gramaticais ou gramemas. Na língua portuguesa brasileira, têm gramemas fixos: prefixos, sufixos e derivâncias, e gramemas dependentes: preposições, conjunções, pronomes e artigos. As teorias de sintaxe que são aplicadas às línguas modernas foram desenvolvidas no século XX a partir dos estudos do século XIX.

Além de Schlegel, pode-se citar muitos pesquisadores importantes, mas entre eles Franz Bopp, Jacobo Grimm, Wilhelm von Humboldt, August Schlegel, Friedrich Diez, William Dwight Whitney, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet. Nos estudos do século XX, Émile Benveniste e Louis Hjelmslev escreveram sobre os níveis da análise linguística, as possibilidades na teoria da segmentação e de substituição, nos eixos sintagmático e paradigmático. A gramática normativa composta de fonologia, morfologia e sintaxe teve suas bases teóricas desenvolvidas por esses estudiosos no século XX e sua composição no século XXI.

O livro "Debate sobre a Morfossintaxe da Língua Brasileira," de **Sebastião Milani**, oferece uma análise abrangente da língua portuguesa, abordando desde os elementos fundamentais da análise linguística até a formação de palavras. A obra está dividida em sete seções que exploram a evolução histórica da língua e seus aspectos gerais, passando pelos níveis da fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. O autor discute a relação entre o plano de expressão e de conteúdo, além de analisar as classes gramaticais e a tipologia dos morfemas. Uma ênfase especial é dada à formação de palavras, incluindo os processos de derivação e de composição, bem como o impacto dos empréstimos de vocabulário de línguas estrangeiras. Milani apresenta os conceitos teóricos de forma acessível, enriquecendo o texto com exemplos práticos que facilitam a compreensão da estrutura da língua portuguesa. Este livro é uma fonte útil para estudantes e profissionais que buscam aprofundar sua compreensão da língua portuguesa brasileira e sua estrutura morfossintática, proporcionando uma base sólida para o aprimoramento das habilidades linguísticas.

Suelismar Mariano Florêncio

DEBATE SOBRE A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA BRASILEIRA - SEBASTIÃO ELIAS MILANI

SEBASTIÃO ELIAS MILANI

DEBATE SOBRE A MORFOSSINTAXE DA LÍNGUA BRASILEIRA



Sebastião Elias Milani é formado em Letras pela UNESP; licenciatura em Francês e Português; Curso Mestrado e Doutorado em Linguística Geral na USP. Professor de língua e linguística, ensinou na Faculdade de Letras de Ribeirão Preto, na Universidade Tiradentes, na Faculdade de Letras da Universidade do Tocantins, na Faculdade de Letras da Fundação Universidade Federal do Tocantins e na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. É o líder fundador do Grupo Imagem de Pesquisa em Historiografia Linguística da UFG. Faz pesquisa em Historiografia Linguística e em Semiótica.

EDITORA KELPS

**DEBATE SOBRE A
MORFOSSINTAXE DA
LÍNGUA BRASILEIRA**

SEBASTIÃO ELIAS MILANI

**DEBATE SOBRE A
MORFOSSINTAXE DA
LÍNGUA BRASILEIRA**

**Goiânia - Go
Kelps, 2023**

Copyright © 2023 by Sebastião Elias Milani

Editora Kelps

Rua 19 n° 100 - St. Marechal Rondon-CEP 74.560-460 - Goiânia - GO

Fone: (62) 3211-1616

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

Diagramação:

Marcos Dígues

mcdigues04@gmail.com

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

Dartony Diocen T. Santos CRB-I (1° Região) 3294

M637 | Milani, Sebastião Elias.

Debate sobre a morfossintaxe da Língua Brasileira. - Sebastião Elias Milani.

Goiânia. Kelps, 2023.

76 p.

ISBN:

I. Linguística 2. Morfemas. 3. Tipologia. I. Título.

CDU: 81-13

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei n° 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2023

SUMÁRIO

1. NOÇÃO HISTÓRICA E GERAL.....	7
2. SOBRE OS NÍVEIS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA.....	13
3. SOBRE O PLANO DE EXPRESSÃO E O PLANO DE CONTEÚDO	25
4. CLASSES GRAMATICAIS	27
5. TIPOLOGIA DOS MORFEMAS	45
5.1 Conceito de morfema	45
5.2 Depreensão ou identificação dos morfemas.....	48
5.3 Morfemas Aditivos	52
5.4 Morfemas substrativos.....	59
5.5 Morfemas alternativos.....	60
5.6 Morfema zero	62
5.7 Morfemas latentes.....	62
5.8 Morfema Posicional.....	63
5.9 Morfema de relação.....	63
5.10 Morfema Suprasegmental:	64
5.11 Morfemas repetitivos.....	64
6. EMPRÉSTIMOS DE VOCABULÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	65
7. FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	69
Referências.....	75

1. NOÇÃO HISTÓRICA E GERAL

Desde Platão a palavra, como forma geral, foi o objeto mais importante da pesquisa sobre a língua. **Ela é o objeto concreto, como explicou Ferdinand de Saussure (1854=1913), e segmentável, que pode ser dividido em partes**, de toda constituição linguística. Durante o século XIX, sua fórmula foi nomeada de signo, chamado de *os objetos da língua*. Os signos são os correlatos na língua dos objetos da natureza. Na linguística geral fala-se em signos, mas na gramática geral ou histórica fala-se em palavra, independentemente de ser ela igual ou não ao signo. Também existe o termo *léxico*, o qual aponta para algumas características daquilo tudo que é chamado de palavra. Assim, a disciplina que se ocupa das palavras, sua formação e classificação, é a Morfologia. A Morfologia estuda as unidades mínimas de formação das palavras: os morfemas, a classificação delas enquanto paradigmas nas dez classes gramaticais, e a participação delas no sintagma e suas consequentes classificações.

Toda metalinguagem da Linguística foi constituída no século XIX. Começou com a *Gramática Comparada* em 1816, obra de Franz Bopp (1821-1867), depois a *Neogramática* em 1874, obra de William D. Whitney (1827-1894). Ajustes importantes foram feitos no *Curso de linguística geral* em 1916, atribuído a Ferdinand de Saussure (1857-1913). Depois, a metalinguagem inovadora sempre foi apresentada por novas metodologias, internas à linguística geral, sem substituí-la. Desse modo, toda terminologia da Morfologia, inclusive o termo morfologia, foi definida durante o século XIX.

Esse século foi dominado pelo pensamento evolucionista. São inúmeras as teorias que explicavam a existência da vida no planeta e porque ela estava nesse estágio atual. As mais importantes são a de Chevalier de Lamarck (1744-1829), a de Georges Cuvier (1769-1832) e a de Charles Darwin (1809-1882). Como objetos concretos da língua, as palavras possuem uma forma fixa como os seres vivos, por isso se pode descrever sua morfologia, termo que a biologia usa para a descrição dos seres vivos. Assim sendo, grande parte dos meta-nomes de qualquer estudo das línguas, que se desenvolveu no século XIX, tem origem nos estudos da Biologia ou da Botânica. Os meta-nomes da linguística diacrônica são emprestados dos estudos biológicos.

Um nome importantíssimo para o estudo da Morfosintaxe foi o botânico August Schleicher (1821-1868) que, compartilhando a ideia da divisão da estrutura da linguagem humana de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), comparou o desenvolvimento das línguas ao desenvolvimento das espécies, do modo como leu na teoria de Charles Darwin (1809-1882). Schleicher era indo-europeísta como a grande maioria dos comparatistas e neogramáticos, a exemplos de Franz Bopp, Wilhelm von Humboldt, Friedrich Diez (1794-1876), William Dwight Whitney, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet (1866-1936), para citar alguns. Sua mais importante contribuição foi fazer a *Gramática Comparada das línguas germânicas*, ou, no original, *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (1862), aos moldes de Franz Bopp para o indo-europeu e Friedrich Diez para as línguas românicas (1838).

L'activité de l'esprit, en se manifestant sous les formes de la pensée, a besoin de la langue, absolument comme l'esprit a be-

A atividade do espírito, manifestando-se sob as formas do pensamento, necessita da língua, absolutamente como o espírito tem

soin du corps. On ne peut penser que par et dans une langue; (...) Quand on pense, on met les conceptions, les *notions*, dans tel ou tel rapport, dans telle ou telle relation. Ainsi, chaque langue peut être décomposée en deux éléments : des notions d'un côté, et des *rappports* de l'autre. Les notions, les représentations, sont en quelque sorte les *matériaux* de la langue ; les *rappports* entre elles font sa *forme*. (...) On appelle *significations* ces notions et ces représentations. On peut donc dire que l'essence d'une langue se base sur la manière dont elle exprime *acoustiquement* c'est-à-dire par un mot, les significations et les *rappports* (ou relations). Une langue n'a point d'autre élément que ces deux-là : significations d'un côté, *rappports* ou relations de l'autre. La *signification*, exprimée par un mot, s'appelle *racine*; elle peut être séparée de tout mot qui exprime le *rappport* : (...) Ainsi, pour bien définir le mot, il faut dire qu'il est un produit à la création duquel ont concouru la *signification* et la *retation*. C'est de l'expression acoustique de l'une et de l'autre que dépend la formation du mot, puis la construction de la phrase, enfin le caractère enlier de l'idiome (SCHLEICHER, 1852, p. 06-08 catando).

necessidade do corpo. Somente se pode pensar por e numa língua; (...) Quando se pensa, coloca-se as concepções, as noções, em tal e tal formas, em tal e tal relação. Assim, cada língua pode ser decomposta em dois elementos: noções de um lado e formas gramaticais do outro. As noções, as representações, são de algum modo os materiais da língua; As relações entre elas fazem sua forma gramatical. (...) Chamam-se significações essas noções e essas representações. Pode-se então dizer que a essência de uma língua se baseia sobre a maneira que ela exprime acusticamente, por assim dizer, em uma palavra as significações e as relações gramaticais. Uma língua não tem outros elementos além desses dois: significações de um lado e relações gramaticais de outro. A significação, expressa por uma palavra, chama-se raiz; ela pode ser separada de toda palavra que exprime relação gramatical (...). Assim, para bem definir a palavra, é preciso dizer que ela é um produto da criação da qual concorrem a significação e a relação gramatical. É da expressão acústica de uma e da outra que depende a formação da palavra, depois a construção da frase, enfim o caráter ligado do idioma.

Conforme a citação acima, Schleicher aponta nas línguas a existência nas palavras de uma parte, que ele chamou de *raiz*, responsável pela significação e, outra parte, chamada *forma*, responsável pelas relações gramaticais. Em específico, Schleicher está descrevendo as línguas flexionais indo-germânicas a partir da tipologia linguística apontada por Humboldt (1836). As palavras apresentam sempre uma parte, que traz consigo a significação, aquilo que está descrito no dicionário, e outra parte desinencial, que traz consigo a relação gramatical e funcional do sintagma morfemático, aquilo que está descrito nas gramáticas.

Schleicher (1857) adotou a perspectiva de Humboldt (1836) ao explicar tanto para línguas do tipo flexional, línguas indo-europeias, quanto para o Chinês, língua do tipo isolante, a existência de dois aspectos fundamentais: a significação e as formas de relação. Humboldt já havia observado essa distinção entre significado e formas estruturais em todas as línguas, independentemente de sua tipologia. De forma resumida, pode-se dizer que essa dualidade está presente não somente em línguas clássicas com flexões sintéticas, mas também em línguas modernas com flexões analíticas, assim como no tipo isolante encontrado no Chinês.

Esse é o princípio da morfossintaxe. As línguas são constituídas nas palavras por regras rígidas, passíveis de serem descritas rigorosamente. O que Schleicher denominou de “significação” ou “raiz” é o que a morfossintaxe identifica como “lexema”, representando a estrutura fundamental do léxico. Da mesma forma, o que Schleicher identificou como “forma de relações gramaticais” é reconhecido pela morfossintaxe como “gramemas”, ou seja, unidades desinenciais responsáveis por classificar ou modificar a significação do lexema.

Morfema, a unidade formal mínima dotada de significação, livre, dependente ou presa, de natureza lexical ou gramatical, que entra na constituição do vocábulo formal.

Essa é uma definição geral para o termo morfema, a qual será explanada no decorrer deste texto. Para Edward Lopes (1935-vivo), seguindo Louis T. Hjelmslev (1899-1965), o morfema é um *signo* mínimo, quer dizer, uma entidade composta de significante e significado indissolivelmente unidos. O termo *mínimo* refere-se, naturalmente, à *extensão do seu plano de expressão* (2000, p. 151).

[patadas = I – *pat* – II *ad* – III *a* – IV *s*]

A parte I, responsável pela *significação lexical*, denomina-se *lexema*; as partes II, III e IV, responsáveis pela *significação gramatical*, denominam-se *gramemas*. É importante notar que tanto I quanto II, III ou IV correspondem, igualmente bem, às características assinaladas em nossas três definições anteriores para morfema. Assim, *lexemas* e *gramemas* são, ambos, *morfemas*. Quando não nos importar fazer menção explícita do particular sentido de cada um deles, poderemos nos referir a um e outro, indiferentemente, sob o título genérico de *morfemas* (LOPES, 2000, p. 154).

Como apontado por Edward Lopes, existem os morfemas lexicais ou *lexemas* e morfemas gramaticais ou *gramemas*. Os *lexemas* são responsáveis por incluir na palavra a *significação descrita nos dicionários*, a *gramática chama de radical ou tema e linguística diacrônica de raiz*. Os *gramemas*, por sua vez, são responsáveis por incluir a *classificação formal na palavra, descrita nas gramáticas*, são as *desinências flexionais, sufixos e prefixos e também as formas dependentes: artigos, preposições, pronomes e conjunções*. Essa terminologia modernizadora inclui uma característica teórico explicativa à terminologia inicial de August Schleicher: a *significação e a relação gramatical*.

2. SOBRE OS NÍVEIS DA ANÁLISE LINGUÍSTICA



Deve-se começar essa discussão lembrando que se trata de uma leitura dos textos de Emile Benveniste (1902-1976), Louis Trolle Hjelmslev e de vários autores do século XIX e XX. Os estudos sobre a linguagem começaram lá na Grécia Antiga, com Platão e Aristóteles entre outros. Passaram pela Idade Média e pelo Iluminismo. No século XIX, a partir dos grandes eventos do final do século XVIII, nasceria a primeira teoria de estudo de línguas: a Gramática Comparada (1816).

Três são os eventos importantes para esse desenvolvimento dos estudos sobre as línguas. O mais significativo para o campo da linguística foi a revelação trazida por William Jones (1746-1794) da Índia para a Inglaterra em 1783, desta-

cando a existência do Sânscrito, uma língua antiga falada e escrita na Índia, notavelmente similar ao Grego Clássico e ao Latim. Outro marco de caráter científico foi o debate sobre a razão iniciado por Immanuel Kant (1724-1804). Kant, em obras como a *Crítica da razão pura* (1781), define uma distinção entre as ações cognitivas que podem ser explicadas racionalmente pelo ser humano e aquelas que são abordadas de maneira metafísica. Por fim, um evento de importância política que figura entre os marcos mais influentes da história é a Revolução Francesa (1789). Esta revolução não apenas separou o estado francês da influência da Igreja Católica, mas também implementou reformas econômicas e estabeleceu a primeira Constituição (Carta Magna) baseada em princípios de filosofia racional, promulgada em 1790.

Esses três eventos liberava a ciência da opressão dogmática da Igreja Católica e faria nascer um Cristianismo gentil e generoso, completamente ao contrário do anterior que era violento e muito repressor. Nos estudos sobre a linguagem, fez brotar um espírito científico em que se explicou racionalmente a fórmula da comunicação entre os seres humanos.

A Gramática Comparada que, de acordo com o *Curso de Linguística Geral*, foi a primeira metodologia dos estudos linguísticos, nasceu da perspectiva de mostrar as origens da humanidade por meio da comparação entre línguas. Objetivo ambicioso, que conseguiu mostrar que as línguas europeias tinham origem num passado bem mais antigo daquele apregoado na filosofia religiosa.

Franz Bopp, em 1816, mostrou, pela comparação das línguas europeias, uma origem comum para elas e uma marca tipológica típica, o flexional. A origem comum seria uma língua que existira entre 6000 e 10000 anos antes, que foi nomeada de Indo-europeu. Muito importante dizer, lendo no *Curso de Linguística Geral*, é que Franz Bopp teve o mérito de mostrar como fazer ciência a partir da comparação entre

línguas. Deve-se dizer, também a partir do *Curso de Linguística Geral* e do livro *Problemas de Linguística Geral* de Benveniste, que a Gramática Comparada inaugurou o fazer dos estudos da linguagem com espírito científico.

Os estudiosos do século XIX desenvolveram profundamente os estudos diacrônicos e sincrônicos sobre as línguas. No *Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure fez uma síntese do que se estudara e apontou o que seriam os estudos diacrônicos e os sincrônicos.

Os estudos diacrônicos das línguas românicas, seguindo a metodologia de Franz Bopp, foram desenvolvidos por Friedirich Diez, a partir de 1838. Seu objetivo era reconstituir, a partir da comparação das línguas neolatinas que ele conhecia, os estágios do latim vulgar. A partir dessas comparações e de outros estudos comparados sobre os fonemas, como os de Jacob Grimm (1785-1863), em 1821, Wilhelm von Humboldt, em 1836, Karl Verner (1846-1896), em 1875, todas as línguas neolatinas e também as germânicas, essas estudadas por August Schleicher, tiveram os processos fonológicos ou metaplasmos descritos. Esses dados estão discutidos nas gramáticas históricas, a exemplo daquela escrita pelo professor Sebastião Elias Milani, autor deste texto: *Gramática Histórica e Dialetoлогия do Português do Brasil* (MILANI, 2015). A língua portuguesa teve seus metaplasmos estabelecidos no século XX, nos estudos de José Leite Vasconcelos Pereira de Melo, publicados em 1911. Durante o século XX, vários brasileiros fizeram estudos metaplasmatócos sobre o português, em Portugal, e publicaram



Histórias da Língua Portuguesa ou Gramáticas Históricas da Língua Portuguesa.

No final do século XIX, na Neogramática, desenvolveram os estudos sincrônicos das línguas. Todos os autores do período são estudiosos comparatistas, destaque geral para William Dwight Whitney, Ferdinand de Saussure e Antoine Meillet. O fato mais importante é que até o século XVIII, as línguas latinas, sobretudo a portuguesa, tinham gramáticas baseadas na epistemologia dos casos e das declinações. Desse modo, o processo sintático era relacionado à estrutura morfológica. Durante o século XIX, as gramáticas pararam de descrever casos e declinações para as línguas neolatinas, fala-se aqui em específico da língua portuguesa, mas não se tinha uma teoria sintática que permitisse observar a estrutura formal das línguas flexionais analíticas. No Brasil, as gramáticas publicadas até meados do século XX não tinham uma teoria sintática para o texto. As gramáticas apresentavam a sintaxe como uma teoria da palavra, apontando para as classes gramaticais as funções que poderiam exercer.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure descreveu o fonema, o signo e apontou como o pensamento se manifestava no formato do texto. Costuma-se apresentar esses três níveis da análise linguística como sendo os níveis ontológicos. De acordo com Hjelmslev, a segmentação do texto só acontece nesses três níveis. O nível merismático, ou subfonemático, faz parte do fonemático, o nível morfemático faz parte do sigmático e o nível oracional faz parte do nível frasal/textual.

Então, a segmentação exaustiva e não contraditória, que Hjelmslev propõe, deve ser feita levando em consideração esses três níveis ontológicos. São muitos os textos que criam sua semântica explorando cada um desses níveis de análise. O mais comum são textos que exploram mais o nível sigmático, ou seja, estruturam o plano de conteúdo muito

mais a partir do léxico do que dos outros níveis de análise. Importante observar que todos os níveis estão presentes em todos os textos, logo não há semântica sem sintaxe, morfologia e fonologia.

Exemplos:

Dois Rios

O **céu** está no **chão**
O céu não cai do **alto**
É o **claro**, é a **escuridão**
O **céu** que toca o **chão**
E o céu que vai no alto
Dois **lados** deram as **mãos**
Como eu fiz também

Só pra poder conhecer
O que a voz da **vida** vem dizer
Que os **braços** sentem
E os **olhos** vêm
Que os **lábios** sejam
Dois **rios** inteiros
Sem **direção**

O **sol** é o **pé** e a **mão**
O **sol** é a **mãe** e o pai
Dissolve a **escuridão**
O **sol se põe** se vai
E após se pôr **o sol renasce** no

Japão

Eu vi também

Só pra poder entender
Na voz a **vida** ouvi dizer
Que os **braços** sentem
E os **olhos** vêm
E os **lábios** beijam
Dois **rios** inteiros
Sem **direção**

Quadrilha

João amava Teresa **que** amava
Raimundo
que amava Maria **que** amava
Joaquim **que** amava Lili
que não amava ninguém.
João foi pra os Estados Unidos,
Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre,
Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou
com J. Pinto Fernandes que não
tinha
entrado na história.

Carlos Drummond de Andrade

Em *Quadrilha*, o centro da significação está na organização sintática das orações. O poema traça uma lógica relacionada à vida das pessoas como adolescentes e como adultas.

Na adolescência os seres humanos se apaixonam e vivem para as coisas mais básicas da vida, não têm preocupações com sobrevivência. Nessa fase estão muito relacionados entre si, muitas vezes futilmente. O texto na primeira estrofe, que representa a fase da adolescência, está construído

E o **meu lugar** é esse **ao lado seu**, meu corpo inteiro

Dou o **meu lugar**, pois o **seu lugar**

É o meu **amor** primeiro

O **dia** e a **noite**, as quatro **estações**

Nando Reis / Salomão Borges Filho / Samuel Rosa

No texto *Três rios* as significações estão distribuídas nos signos que apontam para extremidades, opostos entre si de alguma maneira: céu/chão, claro/escuridão, alto/chão, dois lados deram as mãos.

Na outra estrofe, os opostos são sol/escuridão, pé/mão, mãe/pai, aqui/Japão, sol se põe/sol renasce.

Na outra estrofe, os opostos são meu lugar/seu lugar, meu lugar/seu lado, amor, dia/noite, quatro estações.

No refrão, não há a colocação de opostos, mas a nomeação de sensações: vida, braços, olhos, lábios, rios, direção.

O amor feito de opostos que existem juntos e se completam.

Ao perceber as metáforas, os leitores entendem que se trata de parcerias e contínuos, na verdade de complementos.

de orações subordinadas adjetivas. Essas orações facilmente se transformam em coordenadas.

Assim, a segunda fase da vida, já adultos, o texto está construído em orações coordenadas, mostrando que nessa fase os seres humanos não vivem, quando sobrevivem, vinculados a um grupo, ou seja, cada um vive a sua própria história, como consequência ou não da adolescência. De todo modo, se conclui que o amor ou paixão só pode existir quando as pessoas não são fortes. Na vida adulta, as relações são baseadas em valores mais exatos e amadurecidos, valores fixos na sociedade e não no indivíduo.

Vício na fala

Para dizerem **milho** dizem **mio**

Para **melhor** dizem **mió**

Para pior **pió**

Para **telha** dizem **teia**

Para **telhado** dizem **teiado**

E vão fazendo **telhados**.

Oswald de Andrade

Em *Vício na fala*, ocorre a oposição entre o fonema /λ/ e mudanças metaplasmáticas que ele sofre na fala caipira, transformado por vocalização em /i/. Pode-se dizer que é a perda da palatalidade que também ocor-

re com o /ɲ/. Essa é uma marca linguística desprestigiada na sociedade, mas que não importa para a qualidade e força moral e física dos indivíduos. Eles são trabalhadores e construtores de coisas muito importantes, as quais não são julgadas pela forma de falar, mas pela forma do saber e do amor ao próximo.

Organizando uma lista dos níveis de análise linguística, pode-se identificar os seguintes: o nível merismático, o nível fonemático, o nível morfemático, o nível sigmático, o nível oracional e o nível frasal/textual. Frasal como nomeou Benveniste e textual como nomeou Hjelmslev. O nível merismático constitui o objeto de análise nas descrições fonéticas, concentrando-se na investigação dos sons individuais. Em contraste, o nível fonemático trata das implicações semântico-funcionais da fonologia. **O nível morfemático é o assunto da morfossintaxe.** O nível sigmático é o assunto da semântica e seus ramos. O nível oracional é o assunto da sintaxe. O textual também é o assunto da semântica e seus ramos. A análise de todos esses níveis ocorrerá nos processos de segmentação e substituição, a partir dos dois eixos de estudo da língua, o sintagmático e o paradigmático.

De Benveniste e de Hjelmslev, a segmentação vai dividir o texto nas partes cujo sentido possa ser observado. A substituição dos elementos concorre para formar outros sentidos, provando assim o *status* linguístico de cada elemento. Esse processo ocorre nos dois eixos. No sintagmático ocorre a segmentação e no paradigmático a substituição.

O eixo sintagmático sempre é a formação de uma unidade pela soma de duas unidades do mesmo nível, opostas

entre si. O eixo paradigmático é uma correlação de unidades do mesmo nível, iguais entre si, diga-se, unidades que podem ocupar o mesmo ponto da cadeia sintagmática. Por exemplo, uma oração, frase ou texto que não tenha um conteúdo muito intenso, através da qual se possa fazer experimentos no plano de expressão: “O garoto comprou um carrinho”.

Serão estudados os dois níveis inferiores em tamanho: morfológico e fonemático.

Segmentação no nível fonemático:

/O /g/a/r/o/t/o/ c/om/p/r/o/u/ um/ c/a/r/r/i/nh/o/.

Deve ser lembrado que a escrita do português brasileiro é fortemente fonológica e bem menos etimológica. Escritas de línguas como o francês e o inglês são fortemente etimológicas. Devido a isso que se pode, a partir de uma oração escrita em caracteres ortográficos, fazer uma representação dos fonemas muito compreensível.

A transcrição fonológica do exemplo adotado seria: /o ga'roto koN'prou 'uN ka'Riŋo/. A segmentação do exemplo mostra uma construção em fonemas consonântico (K) e vocálico (V). Adote-se um outro exemplo, menor, apenas um signo, para ficar mais fácil de explicar: /v a k a/. São quatro casas. São quatro casas, distribuídas em kvkv.

O português brasileiro tem 33 fonemas: 19 consonantais, 7 vocálicos orais, 5 vocálicos nasalizados e 2 semiconsonantais/semivocálicos. Na primeira casa do exemplo, pode-se comutar /v/, com outros fonemas, como o /f/, formando o signo *faca*, como o /m/, formando *maca*, como o /ʒ/, formando *jaca*. Tem um número bem grande de possibilidades, até 19, porque essa é uma casa de fonemas consonantais. A segunda casa, o *a*, pode ser substituído por qualquer um dos 12 fonemas vocálicos, mas, ao que parece, somente o /i/ pode entrar nesse ponto da cadeia sintagmática, formando o signo *vinca*. Na terceira casa, do fonema /k/, têm-se como

possibilidades os 19 fonemas consonantais, mas nem todos formam par. Pode-se substituir por /l/, formando o signo *vala*, ou por /r/, formando signo *vara*. Na quarta e última casa, é um fonema vocálico, mas neste caso não são todos vocálicos que cabem, porque esta casa é também a do morfema de gênero, assim, são possíveis para um signo feminino os fonemas /a, e/, logo não tem como formar par nessa casa. Na oração exemplo, o signo *garoto*, na última casa, o /o/ pode ser substituído por /a/, formando o signo *garota*.

Assim, está explicado o nível fonemático, ele constitui o sintagma com um fonema consonântico e um vocálico, duas unidades do mesmo nível opostas entre si, e constitui o paradigma de fonemas consonânticos e de fonemas vocálicos, unidades iguais entre si que podem ocupar o mesmo ponto da cadeia sintagmática.

O nível merismático está constituído da descrição dos fonemas, por exemplo, o fonema /o/ é formado pelos merismas arredondado, posterior, médio-alto. Não há como segmentá-los porque são um conjunto produzido de uma só vez, mas eles podem ser substituídos. No fonema /ɔ/ os merismas são: arredondado, posterior, médio-baixo. Não há segmentação, mas existe substituição. Não é possível pensar em sintagma, mas é possível o paradigma. No fonema /p/, os merismas são: oclusivo, bilabial, surdo, e no fonema /b/, os merismas são: oclusivo, bilabial, sonoro. Logo, entre *pato* e *bato* somente o traço da sonoridade diferencia os dois signos, mas os sentidos são completamente diferentes, formam um para mínimo de fonemas. A diferença semântico-funcional entre eles mostra que eles são dois fonemas da língua portuguesa brasileira.

De acordo com Benveniste, chega-se nos dois níveis inferiores da análise linguística: o nível fonemático, que pode ser segmentado e substituído, forma sintagma e paradigma, e o nível merismático, que não pode ter seus elementos seg-

mentados, mas que pode ser substituído, forma paradigma somente.

Vejam-se então os dois níveis subsequentes: morfemático e sigmático. Para Hjelmslev formam o nível dos signos, porque apresentam o plano de expressão e o plano do conteúdo. Segmentação dos morfemas:

O- *garot-o -compr-o-u- um -carr-inh-o.*

A- *garot-a compr-o-u- um-a -bon-ec-a.*

O- *homem- ganh-a-va- o – jog-o.*

A- *mulher- vend-i-a- o-s – doc-e-s.*

Observe que o signo *carrinho* possui três morfemas. O primeiro é o lexema, o morfema que aponta para o sentido lexical. Com ele formam-se os signos *carro*, *carroça*, *carruagem* etc. O segundo é um morfema aditivo derivacional, formador do grau diminutivo, *inh*, e o terceiro é o morfema aditivo classificatório temático nominal marca de gênero masculino. Pode-se substituir o lexema por outro, por exemplo *cachorr*. Assim se tem *cachorrinho*. Pode-se substituir o segundo, colocando o aumentativo *ã*, assim formaria *carrão* e *cachorrão*.

Os verbos em português brasileiro são formados pelos morfemas *lexicais* mais *morfema aditivo classificatório temático verbal*, mais *morfema aditivo classificatório flexional de tempo* e *modo*, mais *morfema aditivo classificatório flexional de número* e *pessoa*: *lexema+ VT + TM + NP*. Assim, *comprou - compr* é o lexema, *o* é a vogal temática da primeira conjugação e *u* é número e pessoa. Observa-se que o pretérito perfeito do indicativo não tem morfema de tempo e modo.

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
Lex + vt + tm + np	Lex + vt + tm + np	Lex + vt + tm + np
compr a r	vend e r	part i r
fal a r	perd e r	ca i r
compr o φ u	vend e φ u	part i φ u
compr a va φ	vend i a φ	part i a φ
compr a va mos	vend i a mos	part i a mos
compr a re i	vend e re i	part i re i
compr a sse m	vend e sse m	part i sse m

Formamos assim o *paradigma nominal* e *paradigma verbal* e o *sintagma nominal* e o *sintagma verbal*. **No nível morfológico, o sintagma é constituído por lexema, como determinado: compr, fal, vend, perd e part e ca, conforme quadro acima, em oposição aos gramemas, como determinantes: VT, TM e NP, conforme quadro acima também. Os paradigmas são de lexemas ou de gramemas, conforme pode ser observado no quadro acima.** Também se formaram os paradigmas e os sintagmas sigmáticos: *garoto/garota, comprar/ganhar, carinho/boneca* como paradigmas, e o *garoto/ a garota, um carrinho/ uma boneca* como sintagma, tendo o adjetivo artigo como determinante e o substantivo como determinado. Assim, formam-se os sintagmas e os paradigmas dos níveis morfológicos e sigmáticos, como determinados, aqueles que são o núcleo da significação, e determinantes, aqueles que são os qualificadores do núcleo. Esse é o segundo nível da análise linguística, ambos podem ser segmentados e podem ter suas partes substituídas, para formar outro conjunto.

Significação	Fixa (+ ou -) e social
Valor	Dinâmico entre todos.
Significado	Mutável e individual
Significante	Fixo (+ ou -) e social

Os dois níveis subsequentes e superiores da análise linguística são o oracional e o frasal/textual. Na explicação no *Curso de Linguística Geral*, dada por

Ferdinand de Saussure, o texto é a forma como o pensamento expressa significados. Baseando-nos em Saussure e desenvolvendo a ideia dele, a definição é que o texto é a forma completa de significado, por isso sempre são expressos textos.

A constituição é de uma significação social, que sempre é fixa, porque representa o conhecimento atrelado ao significante, aquela que as formas padronizadas da língua expressam. Significante e significação são da língua, são fixos, e valem para todos na comunidade. O valor depende do texto em que o significante aparece, a relação que ele assume com outros significantes no texto atualiza a significação na mente do sujeito falante em um significado. Assim, o significado é subjetivo e mutável, de acordo com a memória do sujeito falante.

3. SOBRE O PLANO DE EXPRESSÃO E O PLANO DE CONTEÚDO

Louis T. Hjelmslev		
	PE	PC
Forma	Merisma/Fonema Signo/léxico Frase/texto	Língua Cultura
Substância	Articulação Divisão	Pensamento Processo

Na discussão que está nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1939) de Louis T. Hjelmslev, a partir dos conceitos de Wilhelm von Humboldt (1836) de forma e substância e dos conceitos de significante e significado de Saussure, o texto se constitui de um plano de

expressão que manifesta um plano de conteúdo. O texto é a forma do plano de expressão, que está composto por fonemas e signos, ou, em outras palavras, segue a forma do plano de conteúdo, que são as regras da língua, mais bem dizendo, a língua e cultura. O ponto de partida é a substância do plano de conteúdo, ou seja, o pensamento, que processa a primeira articulação de André Martinet (1908-1999), a articulação cognitiva. A articulação motora, a segunda articulação de André Martinet, fica responsável por transformar o texto em matéria: fonemas, signos e texto.

A oração está composta por sujeito, o determinado, e por predicado, o determinante. No exemplo que foi adotado acima, fez-se um paradigma de sujeitos: o garoto, a garota, o homem, a mulher. Estruturalmente, qualquer um pode formar par com qualquer um dos predicados, a depender

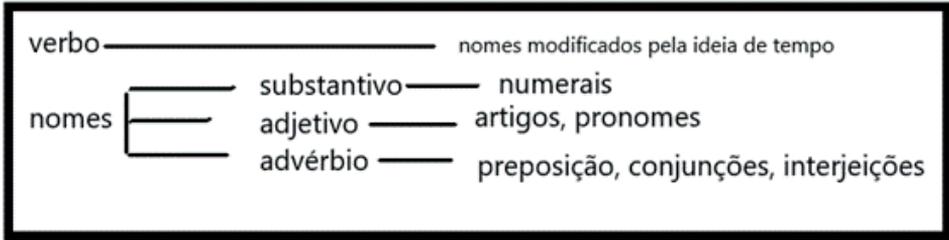
do contexto. Nada está vetado na língua. Da mesma forma, os predicados formam um paradigma e são intercambiáveis. A oração pode ser segmentada e suas partes podem ser substituídas. O sintagma oracional é então de sujeito e predicado, unidades do mesmo nível que se opõem entre si. Uma oração como *é*, resposta afirmativa a uma pergunta, está composta de apenas um fonema, um signo e se constitui como um texto. O sujeito está elíptico e o verbo tem seus complementos em outros textos, por isso eles também estão elípticos.

O texto permite a segmentação, mas não permite a substituição. **Não existe, então, paradigma de textos, isto é, não dá para substituir um texto por outro, porque assim seria outro texto, mas existe o sintagma ou os sintagmas, a depender da segmentação que seja possível.** Em oposição, o merisma só permite a substituição. Os fonemas, morfemas, signos e orações podem ser segmentados e substituídos. Nesses existem os sintagmas e os paradigmas. Ao juntar fonemas formam-se os morfemas e os signos, ao juntar signos formam-se as orações e os textos.

4. CLASSES GRAMATICAIS

Na descrição morfológica da gramática da língua portuguesa brasileira são apontadas dez classes gramaticais: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome, artigo, numeral, verbo, interjeição, conjunção e preposição. Essa divisão é continuidade desde a gramática das línguas da Grécia clássica, passando pelo latim clássico e pelas gramáticas do português no século XVI e alcançando as gramáticas do brasileiro dos séculos XX e XXI. A divisão básica da gramática é entre nomes e verbos. Do ponto de vista da teoria clássica sobre a língua, nos diálogos de Platão, só existe o que tem nome. Assim, existe a natureza com objetos que o homem reconhece pelos nomes que eles têm. Para o homem existe aquilo que ele sabe os nomes.

Aristóteles, em *As Categorias*, explica que os verbos são nomes que receberam em sua essência a ação do tempo. Assim, as línguas possuem duas classes de palavras: nomes e verbos. Nomes são divididos em nomes para substâncias – substantivos, para qualificações – adjetivos, para circunstâncias – advérbios. As circunstâncias incluem além dos nomes advérbios, as preposições, as interjeições e as conjunções. Essas apresentam na estruturação da língua uma relação dêitica, colocadas entre palavras ou entre orações. São qualificadores os adjetivos, os artigos e os pronomes. Essas três classes têm funções relacionadas aos substantivos, dando-lhes qualidades, ou classificando-os. Os numerais, apesar de serem colocados numa classe separada na gramática brasileira, são nomes substanciais para as quantidades, fazem parte dos substantivos.



Le système traditionnel, tel qu'on le trouve dans la plupart des grammaires ordinaires, distingue, on le sait, dix parties du discours: le substantif, l'adjectif, le nom de nombre, le verbe, le pronom, l'article, l'adverbe, la préposition, la conjonction, l'interjection.

O sistema tradicional, encontrado na maioria das gramáticas comuns, distingue, como sabemos, dez classes gramaticais: o substantivo, o adjetivo, numeral, o verbo, o pronome, o artigo, o advérbio, a preposição, a conjunção, a interjeição (HJELMSLEV, 1928, p. 297).

Nom = sémantème susceptible de morphèmes de cas. a. Pronom. Caractéristique a trouver. b. Autres noms. idem. 1. Substantif = sémantème qui fait d'ordinaire fonction de terme primaire. 2. Adjectif = sémantème qui fait d'ordinaire fonction de terme secondaire. 3. Adverbe = sémantème qui fait d'ordinaire fonction de terme tertiaire. II. Verbe = sémantème non susceptible de morphèmes de cas. Le verbe fait toujours fonction de terme secondaire.

Substantivo = semantema suscetível a morfemas de caso. a. Pronome. Característica a encontrar. b. Outros nomes. Idem. 1. Substantivo = semantema que geralmente funciona como termo primário. 2. Adjetivo = semantema que geralmente funciona como termo secundário. 3. Advérbio = semantema que geralmente funciona como termo terciário. II. Verbo = semantema não suscetível a

morfemas de caso. O verbo sempre funciona como um termo secundário (HJELMSLEV, 1928, p. 331).

On a défini le substantif, l'adjectif, l'adverbe en les mettant en rapport avec les catégories de subordination. On a défini le nom et le verbe en les mettant en rapport avec les catégories de cas. On peut définir le pronom en le mettant en rapport avec les catégories des articles.

Definem-se o substantivo, o adjetivo, o advérbio e se relacionam eles com as categorias de subordinação. Definem-se o nome e o verbo relacionando-os às categorias de casos. Pode-se definir o pronome relacionando-o com as categorias dos artigos (HJELMSLEV, 1928, p. 332).

a) Nome: substantivo

Substantivo é a palavra empregada nos textos para designar um ser ou um objeto. Na superfície sintática do texto, seguramente, ocupa as funções de sujeito, de complemento verbal: objeto direto ou objeto indireto, e de completo nominal, nas locuções adjetivas, no aposto e no agente da passiva. Por derivação imprópria as palavras de outras classes gramaticais podem ser substantivadas e substantivos podem ser classificados em outras categorias. Logo, na superfície do texto, as palavras devem ter a classificação semântica do dicionário relativizada pela função sintática que ocupam.

Os substantivos são semanticamente classificáveis em cinco grupos, sempre aos pares. São pares: comum e próprio, simples e composto, primitivo e derivado, concreto e abstrato e coletivo. Cada nome substantivo tem no mínimo quatro dessas classificações e, se for coletivo tem cinco, sendo que o coletivo nunca pode ser próprio.

Exemplos:

- menino: comum, simples, primitivo, concreto;

- meninada: comum, simples, derivado, concreto, coletivo;
- Goiânia: próprio, simples, derivado, concreto;
- doce de leite: comum, composto, derivado, concreto;
- felicidade: comum, simples; derivado, abstrato.

b) Nome: adjetivo

Historicamente deve ser considerado como adjetivos todas as formas que justapostas ao substantivo, prefixadas ou sufixadas, ajustam seu significado. São formas de adjetivo as tradicionais classes de palavras artigos e pronomes. Os artigos acrescentam a ideia do já conhecido e do desconhecido no texto. Logo, do conhecido, é quando o tipo é chamado de definido, e do desconhecido, é quando o tipo é indefinido, além de esclarecer as dúvidas sobre o gênero e número do substantivo. Os pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos trazem consigo, além das ideias de gênero e número, também uma significação independente. Qualquer pronome adjetivo e o nome adjetivo podem substituir anaforicamente ou cataforicamente o nome substantivo a que qualifica, nesse caso são substantivados e são chamados de substantivos, isso por derivação imprópria.

Nomes adjetivos apresentam características de derivação e flexão semelhantes aos nomes substantivos. Flexionam gênero e número e apresentam a mesma derivação de grau dos nomes substantivos: diminutivo, aumentativo e superlativo. Na fala, entretanto, os brasileiros costumam suprimir marcas redundantes de número e de gênero, principalmente a de masculino. Geralmente, quando a estrutura vem iniciada por adjetivo artigo ou numeral, somente ele é flexionado no número. Nos nomes substantivos o gênero é característica evidenciada na língua brasileira e, às vezes, mesmo quando não é requisito da norma padrão para aquele nome, é colocado na fala. De outro modo, para

o feminino é regra absoluta, a marca de feminino sempre está imanente, mas, para o masculino, se o gênero estiver evidente por outras marcas formais, a marca pode ser apocopada.

Exemplos:

- filho caçulo ou meu caçulinho [kasu'liu] > [kasu'li] para o masculino e [kasu'liɛ] para o feminino;
- os dias estão mais compridos agora {os dia tá mai cumprido agora};
- as flores amarelas {as floramarela} ou {as flormarela};
- dois carros brancos parados na rua {dois carro branco parado na rua};
- dá comida para as galinhas para mim! {dá cumida pas galinha pra mim}; etc.

On voit que le problème du pronom est le seul problème vraiment difficile dans le domaine des catégories fonctionnelles. Parmi les cinq catégories fondamentales, le substantif, l'adjectif, l'adverbe et le verbe se définissent assez aisément. Le pronom est plus difficile. Ses caractères sont inconnus.

Vê-se que o problema dos pronomes é o único realmente difícil no domínio das categorias funcionais. Entre as cinco categorias fundamentais, o substantivo, o adjetivo, o advérbio e o verbo são definidos com bastante facilidade. O pronome é mais difícil. Suas características são desconhecidas (HJELMSLEV, 1928, p. 331).

c) Nome: advérbio

A função básica dos advérbios é atribuir circunstâncias às orações. São as palavras que dão a localização dêitica dos textos, ou seja, cenários são caracterizados com profundidade pelos advérbios. Muitos substantivos combinados

com preposições tornam-se advérbios, sobretudo, para circunstâncias de tempo e de lugar.

Exemplos:

- por cima, em cima, debaixo, em baixo, depressa, de coração, com vontade, por amor, de graça etc.

Os advérbios apresentam circunstâncias de lugar, tempo, modo, afirmação, negação, intensidade e dúvida.

Lugar	Tempo	Dúvida	Negação	Intensidade
Aqui, aí, ali, cá, lá, acolá, além, longe, perto, à direita, à esquerda, de fora, por fora etc.	Hoje, ontem, anteontem, tresontem, atualmente, amanhã, depois, antes, às vezes, de repente etc.	Talvez, acaso etc.	Não, tampouco, de modo algum, de jeito nenhum etc.	Muito, pouco, mais, menos, demais, quanto, quase, mal etc.
Interrogação	Quantidade	Ordem	Modo	
Onde, quando, como, por que, aonde	A mais, A menos, Metade, Meio, Inteiramente	Primeiro, Segundo, Terceiro, Inicialmente, Finalmente, Em seguida etc.	Bem, mal, assim, depressa, devagar, rapidamente, simplesmente, felizmente, sem medo, às claras, em silêncio etc.	

Comparativos:	Superlativo
tão quanto tão como menos que mais bem ou melhor mais mal ou pior	Sufixo <i>-íssimo</i> ou <i>-érrimo</i> : Claríssimo Magérrimo Na fala popular sufixo de diminutivo: Muito clarinho ou clarinho Muito magrinho ou magrinho

d) Verbos

As definições básicas para os verbos nas gramáticas brasileiras dizem que eles se flexionam em tempo e modo, número e pessoa e voz. Verbos indicam ação, estado, mudança de estado e fenômenos naturais. Dizem também que os verbos podem ser regulares, irregulares ou anômalos. A composição temática e flexional dos verbos, conforme se mostrou nos morfemas aditivos, é sempre lexema, vogal temática, desinência de tempo e modo e desinência de número e pessoa nas formas simples, porém os brasileiros usam mais formas compostas, sobretudo, para os tempos do não agora.

Assim, as formas do futuro estão abolidas da fala e muito frequentemente da escrita também, no lugar uma forma composta com o verbo *ir* como auxiliar surgiu: *eu vou fazer, ele ia fazer, nós íamos fazer ou {nóis ia fazer}, nós iríamos fazer ou {nóis ia fazer}*. As formas do pretérito têm como auxiliar o verbo *ter*: *eu fiz* ou *eu tenho feito*, não significam a mesma coisa, por isso, raramente são comutáveis, *nós fizemos, ele fez, {nóis feis, vocês feis, ela feis, ele feiz* – ditongação das oxítonas}.

Na fala cotidiana, escutam-se os tempos presentes, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo. As outras formas aparecem quase sempre nas expressões dos discursos muito corrigidos. Recentemente, nos falares do sudeste e centro-oeste ouve-se a forma do imperfeito do indicativo assumindo o lugar da forma do imperfeito do subjuntivo e do futuro do pretérito, do mesmo modo ouve-se o presente do indicativo no lugar do presente do subjuntivo. A forma simples do mais que perfeito já desapareceu por completo da fala dos brasileiros em todas as variantes e a forma do futuro do subjuntivo, também chamada de infinitivo conjugado, geralmente fica reduzida ao infinitivo do verbo.

Exemplos:

- Se eu **tivesse** uma bola, eu **jogaria** com você.
{Se eu **tinha** uma bola, eu **jogava** com você}.
Achei que estivesse chateado com você.
{Achei que **estava** chateado comigo.}
- Que nós digamos a verdade.
{nós **dizemos** a verdade} {nóis **disse** a verdade}
- Se nós **dissermos** a verdade, **ficaria** tudo certo.
{se nós **dizer** a verdade, **ficava** {**fica**} tudo certo}

Na transformação do latim até o português, o modo futuro se modificou completamente. A forma que foi inventada compõe-se do infinitivo do verbo aglutinado ao verbo haver como auxiliar.

Assim, o futuro do presente ficou: *eu hei de vencer* e tornou-se *eu vencer – hei → vencerei*, *você vencer – há → vencerá*, *ele vencer – há → vencerá*, *nós vencer – hemos → venceremos* etc. O mesmo fato se aplica às formas do futuro do pretérito: *eu hia de vencer → vencer – hia → venceria*, *você vencer – hia → venceria* etc.

Esta forma simples para o futuro também desapareceu da fala cotidiana da maioria das variantes locais, em seu lugar outra forma composta é usada: com o verbo *ir* no presente do indicativo justaposta à forma do infinitivo do verbo conjugado.

Exemplos:

- Quanto ficará para cada um?
- Quanto vai ficar para cada um? {Quanto *vai ficá* pra cada um?}

As pessoas verbais da língua do brasileiro falado são: eu, você/ele/ela/tu, nós e vocês/eles/elas.

Exemplos:

- Na primeira pessoa (*eu falei, eu falo, eu falava, eu vou falar*);
- Na terceira pessoa (*você falou, ele falou, ela falou, tu falou, você fala, tu fala, ele fala, ela fala, você falava, ele falava, ela falava, tu falava, você vai falar, ele vai falar, ela vai falar, tu vai falar*);
- Na primeira do plural (*nós falamos, nós falávamos, nós vamos falar*);
- Na terceira pessoa do plural (*vocês/eles/elas falavam*).

Com muita frequência as marcas de número e pessoa são apocopadas, isso depende dos ambientes social e fonológico. Isso não ocorre em todos os idioletos, alguns falantes de regiões que permaneceram por mais tempo isoladas mantiveram o uso do *tu* com o verbo na segunda pessoa. Entretanto, a maioria dos falantes que usa o *tu* como pessoa, é uma pequena parte dos brasileiros, conjuga o verbo na forma da terceira pessoa. A maioria dos sujeitos falantes de português brasileiro usa o pronome *você* para o sujeito da interlocução com o verbo conjugado na terceira pessoa.

O modo imperativo

As gramáticas normativas ensinam que o modo imperativo é formado pelas segundas pessoas do singular e do plural do presente do indicativo e pelas outras pessoas do subjuntivo. Essas formas do modo imperativo existem em determinados falares, localizados em regiões que permaneceram isoladas por mais tempo que as outras, portanto, são resquícios dos falares mais antigos no Brasil. As formas de segundas pessoas praticamente desapareceram da fala da maioria dos falantes, substituídas pelo tratamento do interlocutor por *você* e *vocês*.

Por diversas razões sociais, a ordem direta de uma pessoa para outra desapareceu da fala. Outras formas surgiram no estabelecimento de hierarquias. O verbo no pretérito imperfeito é usado por polidez: *eu gostaria {gostava} que você lavasse {lavava} a roupa; eu gostaria {gostava} que você calasse {calava} a boca*. A publicidade usa o presente do indicativo e anula a distância entre o anunciante e público-alvo. As formas do modo imperativo são interdições linguísticas na fala do brasileiro.

As formas nominais

São três os morfemas aditivos que transformam as raízes verbais nas formas nominais.

1. Para a forma nominal infinitivo, a gramática normativa ensina acrescentar *r* (morfema aditivo derivacional). Isso resulta num hábito fluente no texto escrito, mas no texto falado ocorreu um enfraquecimento desse morfema e o fonema /R/ deixou de ser pronunciado em quase todos os idioletos. Obviamente que nos textos muito corrigidos dos falantes mais instruídos esse fato não acontece. Mas acontece nos textos cotidianos das pessoas instruídas também.

Exemplos:

- 1. *ele podia falar mais baixo {eli podia falá mais baxu}* ['elɪ pɔ' dʒiɐ fa'la 'mais 'baʃu] ou ['elɪ pɔ'diɐ fa'la 'mais 'baʃu];
- 2. *Vou comprar ovos {vô comprá ovu}* ['vo kɔ̃'pra 'ovu];
- 3. *Os cachorros vão fazer uma festa {us cachorru vão fazê uma festa}* [us kɐ'ʃohɔ 'vãũ fa'ze ã 'fɛstɐ] ou {us cachorru **vai** fazê ãa festa}.

Pelos exemplos 2 e 3 pode-se perceber que a forma composta do futuro tem a forma nominal infinitiva sem o morfema marcador: *comprá* e *fazê*.

Falar	Fal – a – r	r – morfema aditivo derivacional marca de infinitivo.
Fazer	Faz – e – r	

- 1) Para forma nominal gerúndio, usam-se os fonemas *-ndo*, às vezes associado ao morfema de gênero: *-ndo* e *-nda*. Assim é no texto escrito. Percebe-se uma forte inclinação para as formas continuativas formadas por um verbo auxiliar, *ir* ou *estar*, e a forma do gerúndio do verbo conjugado. Em certas ocasiões, alguns falantes podem cometer a deselegante atitude linguística chamada gerundismo. Entretanto, fato é que os brasileiros usam muito perífrases verbais no gerúndio.

Exemplos:

- os formandos estavam lindos ou os *educandos* e as *educandas* estavam lindos;
- *vou fazendo* o almoço enquanto você *vai lavando* os pratos. Na fala: {vô fazênu au'moçu} {cê vai lavãnus pratu};
- *estou fazendo* o almoço e ele *está lavando* os pratos. Na fala: {tô fazênu aumoçu} {eli tá lavãnus pratu};

Gerundismo:

- *Vou estar fazendo* o almoço e ela *vai estar lavando* os pratos (mais ou menos isso).

Fazendo	Faz – e – ndo	ndo – morfema aditivo derivacional marca de gerúndio.
Lavando	Lav – a – ndo	

- 2) Para forma nominal particípio, usa-se, normativamente, colocar o fonema /d/ acompanhado de um dos

morfemas flexionais de gênero depois do tema do verbo. Para muitas raízes da língua essa é a única forma do adjetivo, para todas as raízes verbais sempre há uma forma de adjetivo derivada. Para muitos verbos pode-se ter duas formas, são as formas abundantes, como: *aceso* – *acendido*, *ganho* e *ganhado*, *pago* e *pagado*, mesmo que em certos casos uma ou outra fique deselegante ou não seja norma padrão.

- Obs.: (*acendido*, *ganho*, *pago* são comuns na norma falada).

Exemplos:

- Tenho *ganho* um bom dinheiro ou tenho *ganhado* um bom dinheiro;
 - Tenho *pago* muito caro ou tenho *pagado* muito caro;
 - A lâmpada está *acesa* ou a lâmpada está *acendida*;
- Obs.: As formas dos advérbios são derivadas do particípio feminino.

Exemplos:

- *perdido* – *perdida* > *perdidamente*;
- *marcado* – *marcada* > *marcadamente*; etc.

Perdido – perdida	Perd – i – d – o/a	d – morfema aditivo derivacional marca de particípio.
Marcado – marcada	Marc – a – d o/a	

Transitividade e intransitividade

Muitos termos da língua precisam de um complemento. O complemento de um nome é um complemento nominal e o complemento de um verbo pode ser um objeto direto ou um objeto indireto. Isso está na Gramática Normativa Brasileira. Então, a transitividade, quando o verbo requer um complemento de seu sentido, acontece com preposição ou sem

preposição, ou seja, transitividade indireta e transitividade direta, e o complemento é ou um objeto indireto ou um objeto direto. Há uma complexidade significativa nesse processo porque o Português brasileiro não tem uma regência verbal rígida. Isso quer dizer que o sujeito falante tem certa liberdade no uso das preposições, por isso, trocar a preposição de um verbo ou tirar a preposição numa oração causa pouco prejuízo ao sentido e os brasileiros fazem muito isso.

Alguns exemplos:

Regência usual e eventual	
Amar ao próximo, amar a Deus etc.	Amar o próximo, Amar Deus etc.
Chegar a	Chegar em
Visar ao sucesso	Visar o sucesso
Precisar de algo	Precisar algo
Entregar a	Entregar para
Andar a pé	Andar de pé
Andar a cavalo	Andar de cavalo

A intransitividade também gera dificuldade em alguns verbos e os falantes usam advérbios como complementos verbais. Por exemplo, o verbo *cair*, considerado pela norma gramatical padrão como intransitivo, porém a frase sempre será *caiu em*, *o menino caiu no chão*, *o leite caiu na mesa*. De fato, *o leite caiu* constitui uma informação completa, mas a falta do contexto permite a pergunta *onde caiu*.

a) Pronomes

Na gramática normativa os pronomes são classificados em substantivos e adjetivos. São chamados de substantivos quando substituem o nome e são chamados de adjetivos quando acompanham os nomes.

São tipos de pronomes: os pessoais, que são divididos em caso reto e caso oblíquo, os demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Pronomes pessoais do caso reto

Gramática normativa	Gramática (padrão) em uso	Uso esdrúxulo
Eu queria	Eu queria	Eu queria
Tu querias	Você queria	Você queria
Ele/a queria	Ele/a queria	Ele/a queria
Nós queríamos	Nós queríamos	(nóis queria)**
Vós querieis	Vocês queriam	(vocêis queria)**
Eles/as queriam	Eles/as queriam	(eles/as queria)

** as oxítonas são frequentemente ditongadas na variante caipira.

Pronomes pessoais oblíquos

A gramática normativa prevê duas listas: átonos e tônicos.

Átonos

	Singular	Plural
Primeira pessoa	Me	Nos
Segunda pessoa	Te	Vos
Terceira pessoa	o, a, se, lhe	as, os, se, lhes

Na norma padrão escrita, com exceção do *te* e do *vos*, os outros são usados.

Na norma falada, o *te* é comum entre pessoas íntimas em estruturas cristalizadas ou muito usadas: eu não te falei?, eu te amo, eu te adoro, eu te chamei, eu te disse etc., em frases cotidianas da língua falada e não repetidas não acontece, tal e qual os outros pronomes oblíquos, o *te* na fala cotidiana não é usado.

Na fala corrigida dos textos orais de ofício (acadêmico, jurídico e político) ainda são usados, entretanto, nunca em combinação, nem mesmo na escrita: *mo, ma, to, ta, lho, lha* etc.

Tônicos

	Singular	Plural
Primeira pessoa	mim	Nós
Segunda pessoa	Ti	Vós
Terceira pessoa	ela, si, ele, você	elas, si, eles, vocês

São usados acompanhados de preposição. Associado à preposição *para*: para mim, para eles, para elas, para ele, para ela, para você, para vocês, para nós; à preposição *de*: de mim, (de ela) dela, (de ele) dele, de vocês, (de eles) deles, (de elas) delas; à preposição *por*: por mim, por nós, por ela, por ele, por você, por vocês, por eles, por elas; à preposição *com*: comigo e conosco (com nós) estão em uso na escrita e na fala, mas o *contigo* é muito raro, aparece somente nas frases cristalizadas ou nos sujeitos falantes que ainda usam o tu, que são poucos, e o *convosco* e o *consigo* estão em completo desuso.

Pronomes demonstrativos

São apontados como dêiticos nas gramáticas normativas, ou seja, localizam as pessoas do discurso-texto no tempo, no espaço e no próprio discurso e texto.

	Singular	Plural
Primeira pessoa	Este, esta, isto	Estes, estas,
Segunda pessoa	Esse, essa, isso	Esses, essas
Terceira pessoa	Aquele, aquela, aquilo	Aqueles, aquelas

Os pronomes demonstrativos foram profundamente afetados em seus usos pela mudança ocorrida na segunda pessoa do caso reto. De fato, a língua brasileira não tem uma segunda pessoa efetiva, porque o *você* é usado para o interlocutor do discurso, mas é na origem um pronome de tratamento, carrega o verbo na terceira pessoa. Os pronomes demonstrativos de primeira e de segunda pessoas perderam

a distinção entre si no discurso falado. No discurso escrito muito corrigido, usam-se com frequência os de segunda pessoa para todas as referências do conteúdo, os de primeira pessoa como referência à expressão.

Pronomes possessivos

Esses pronomes são caracterizados por morfemas verbais de pessoa, número e gênero.

		Singular	Plural
Primeira pessoa	Singular	meu, minha	meus, minhas
	Plural	nosso, nossa	nossos, nossas
Segunda pessoa	Singular	teu, tua	teus, tuas,
	Plural	vosso, vossa	vossos, vossas
Terceira pessoa	Singular	seu, sua (dele, dela)	seus, suas (deles, delas)
	Plural	seu, sua (dele, dela)	seus, suas (deles, delas)

Também foram afetados pela implantação do *o* *tu* como pronome pessoal do caso reto. Os pronomes de segunda pessoa do plural desapareceram, em todos os usos, inclusive na escrita. Os de terceira pessoa são usados no trato com o *o* *tu* e, às vezes, os de segunda pessoa também podem ser usados no trato com o *o* *tu* no texto falado. No texto escrito, corrigido, os de terceira pessoa podem se referir tanto ao *o* *tu*, quanto ao *ele* e ao *ela*. Essa indistinção fez surgir o uso da contração da preposição *de*, indicadora de posse, com os pronomes pessoais retos *ele*, *eles*, *ela*, *elas*: *dele*, *dela*, *deles*, *delas*.

Pronomes relativos

É pronome porque substitui o termo que o antecede, e é conectivo porque introduz uma oração subordinada adjetiva. São divididos na gramática normativa em invariáveis e variáveis. Invariáveis: *que*, *quem*, *como*, *quando* e *onde*.

Variáveis: *o qual*, *a qual*, *os quais* e *as quais*, *quanto*, *quantos* e *quantas*, *cujo*, *cuja*, *cujos* e *cujas*. Têm usos particularizados no texto escrito muito corrigido:

- *quem* somente para personificações;
- *onde* para referenciar espaços;
- *quando* para referenciar tempo;
- *quanto* para quantidades; e,
- *cujo* para indicar posse;
- *que, qual e como* servem em todas as circunstâncias.

No texto escrito, tanto no muito corrigido como pouco corrigido, o mais comum é o *que*. *Quem, como, quando, onde*, com muita raridade, aparecem mais como pronomes interrogativos. Não é incomum o uso de *onde* como pronome relativo de nomes que não represente lugar, isso tanto no texto escrito mal corrigido, como na fala.

No texto falado, corrigido ou não, predomina o pronome relativo *que* para todas as substituições. Os outros pronomes relativos aparecem somente quando o texto é muito corrigido, em condições sociais tensas, como nos púlpitos e nas tribunas.

Pronomes indefinidos

São assim chamados porque são usados para referirem-se à terceira pessoa.

Dividem-se em variáveis e invariáveis	
Invariáveis	Variáveis
<i>mais, menos, demais, alguém, ninguém, cada, outrem, algo, tudo, nada.</i>	<i>Algum, alguns, alguma, algumas, qualquer, quaisquer, bastante, bastantes, nenhum, nenhuma, nenhuns, nenhuma, outro, outros, outra, outras, muito, muitos, muita, muitas, todo, toda, todos, todas, pouco, pouca, poucos, poucas, certo, certa, certos, certas, vários, várias, um, uns, uma, umas, tanto, tanta, tantos, tantas, quanto, quanta, quantos, quantas.</i>

Pronomes interrogativos

São eles: *que, quem, qual, quais, quanto, quanta, quantos, quantas*. São usados para fazer perguntas. Eles podem estar associados a preposições (*por, a, de* etc.) ou aos artigos.

Exemplos:

- Por quanto você está vendendo seu carro?
- De quem você está falando?
- A quantas andam?
- Por que você não disse?

5. TIPOLOGIA DOS MORFEMAS

5.1 Conceito de morfema

Unidade mínima significativa e recorrente, formas livres, presas ou dependentes, que entram na composição do vocábulo formal.

De acordo com o funcionamento no enunciado as espécies de unidades da língua portuguesa brasileira são:

- **Formas livres:** funcionam isoladas no enunciado.
- **Formas presas:** não funcionam isoladas no enunciado. Ex.: prefixos, sufixos, vogais temáticas, radical.
- **Formas dependentes:** são signos independentes, mas só têm significado quando estão em um contexto linguístico e formam sintagma com outros signos, esses livres. Ex.: artigos, preposições, pronomes pessoais retos e oblíquos etc.

A combinação do vocábulo formal é muito variável:

Forma livre: ex. luz – forma completamente livre não existe na língua portuguesa.
Forma livre mais forma presa mais forma presa – pesso- a –s
Forma dependente mais forma presa – ess – a
Forma dependente mais forma presa mais forma presa – ess – a – s
Forma livre mais forma livre – obra prima, erva-doce

A noção de forma livre se aplica bem às línguas isolantes

e às línguas clássicas por flexão sintética, porque tinham raízes que formavam textos. Mas, em qualquer língua, do ponto de vista fonológico, sempre existirão os traços suprasegmentais de entonação que estarão presentes e que compõem a noção de valor. Essa classificação está explicada no livro de Joaquim Mattoso Câmara Júnior "Princípios de linguística geral". Émile Benveniste, no livro "Problemas de linguística geral I", adotou uma nomenclatura que pode ser aproveitada: *signos autônomos* e *signos sin-nomos*. Autônomos são aqueles que formam significados nos níveis superiores oracional e textual, e sin-nomos não formam.

OBSERVAÇÕES COM RELAÇÃO À DEFINIÇÃO DO MORFEMA

O importante é sempre o significado. Isso significa que, na expressão, um morfema pode ter mais de uma aparência, mas sempre tem o mesmo significado.

Exemplos:

Escritório	Escrit	Óri	O
Armário	Arm	Ári	O
Cadeira	Cad	Eir	A
Lavadora	Lavad	our	A

Os morfemas *óri*, *ári*, *eir* e *our* são derivacionais que têm o mesmo significado, apesar de planos de expressão diferentes. Estão em distribuição complementar nos vocabulários da língua portuguesa brasileira.

Os morfemas devem ser recorrentes, ou seja, aparecer em diferentes vocábulos.

Exemplos:

Infeliz	In	Feliz
Incomum	In	Comum
Recorrer	Re	Correr

Recomeçar	Re	Começar	
Comumente	Comum	Mente	
Felizmente	feliz	mente	
Corredor	Corre	Dor	
Comedor	Come	Dor	
Física	Fis	lc	A
Química	Quim	lc	A
Linguística	Linguist	lc	A

Os morfemas aditivos derivacionais prefixais **in** e **re** e os sufixais **mente**, **dor** e **ic**, bem como o aditivo classificatório temático nominal marca de gênero feminino **a**, aparecem em muitos vocábulos.

Não se deve confundir morfema com sílaba nem com palavra.

Pá				1 morfema 1 sílaba 1 palavra	
Pás	pá	s		2 morfemas	
	Pás			1 sílaba	
	Pás			1 palavra	
Pazinhas	Pa	zinh	A	s	4 morfemas
	Pa	Zi	nhas		3 sílabas
	Pazinhas				1 palavra

PONTOS BÁSICOS DOS MORFEMAS LEXICAIS E GRAMATICAIS

Morfema lexical	Lexema
Morfema gramatical	Gramema
Comparação	
Lexema	Gramema

1.	Significação lexical ou externa	1. 1.1. 1.2. 1.3.	Significação gramatical ou interna Função classificatória: serve para enquadrar lexemas em categorias de palavras, nominais e verbais. Nominais: gênero, número. Verbais: tempo e modo, número e pessoa. Função derivacional: prefixos e sufixos, formação de novos vocábulos. Função relacional - preposição, conjunção, pronomes, artigos.
2.	Descritos nos dicionários	2.	Descritos nas gramáticas
3.	Série aberta ou inventário ilimitado, ou seja, sempre podem ser inventados nos lexemas.	3.	Série fechada ou inventário limitado, ou seja, não é possível acrescentar lexemas à língua.
4.	Baixa frequência nos textos, ou seja, os lexemas aparecem poucas vezes em um texto, porque sua repetição configura redundância e deixa o texto enfadonho.	4.	Alta frequência nos textos, ou seja, os gramemas acompanham a todos os lexemas, por isso, alguns deles, como a marca de gênero nos nomes do português do Brasil, aparecem em todos os substantivos ou pelo menos os acompanha como artigos.

5.2 Depreensão ou identificação dos morfemas

As técnicas para identificação do morfema são as mesmas para identificar qualquer unidade com *status* linguístico. Aplica-se a comutação das unidades do sintagma e, pelo processo de comparação pela distribuição opositiva, faz-se a substituição da unidade testada. Se o novo conjunto tiver um significado na língua, configura o *status* de morfema a unidade testada.

Técnica da comutação

Faz-se a troca de partes do vocábulo, em que a mudança de significado indica que a unidade testada é um morfema.

Técnica da substituição

Faz-se o acréscimo ou a supressão de partes, mantendo-se sempre uma parte invariável.

Técnicas da comutação e da substituição						
Oração	O brasileiro O mineiro		chupou jabuticaba e araticum. chupava jabuticaba e araticum.			
	Sujeito		Predicado			
Signos	O	Brasileiro	Chupou	Jabuticaba	e	Araticum
Morfemas	O	Brasil- eir -o	chup- o- ø- u	jabuticab - a	e	Araticum
	O	Min-	chup- a- va- ø	mangab- a		
	Nós		chup- a- ø - mos	Araçá	e	Abacaxi

Obs.: no quadro acima foram aplicadas as técnicas da comutação e da substituição do sujeito, dos signos do objeto direto, dos lexemas: Brasil e Minas, dos gramemas de tempo e modo e número e pessoa do verbo. Como pode ser observado, a significação existe para a oração mesmo depois da comutação e substituição, identificando cada unidade como existentes na língua portuguesa brasileira.

As formas emprestadas de outras línguas, quando usadas na língua portuguesa brasileira, sofrem a mesma derivação das palavras já existentes. No caso de abacaxi e araçá, não apresentam um morfema preso para marcar gênero, são atemáticos. Isso acontece com todos os nomes oxítonos.

Assim, em relação aos morfemas, para sua identificação, deve ser lembrado o que já foi dito acima, que o significado tem importância decisiva enquanto o significante tem importância relativa. Isso tem suma importância quando o sujeito falante se depara com casos de alomorfia ou de homomorfia. A alomorfia ocorre quando o mesmo morfema, ou seja, o mesmo significado, é veiculado por diferentes significantes. A homomorfia ocorre quando morfemas distintos, ou seja, significados distintos, são veiculados por um mesmo significante.

Exemplos:

Alomorfia	Significado igual Significante diferente	Noite Noturno	noi – te not – urno
Homomorfia Homofonia	Significado diferente Significante igual	Para Tem	Para – preposição Para - verbo tem – 3ª pessoa do sing. têm – 3ª pessoa do plural

Às vezes, alguns brasileiros confundem a conjunção adversativa *mas* com o advérbio *mais*. Isso acontece com frequência nos sujeitos falantes da variante caipira, por causa da ditongação das palavras oxítonas, assim se escreve *mas* e fala-se ['mais], gerando uma homofonia. Não é incomum, nos casos de redação desatenta, ocorrer a substituição do *mas* pelo *mais*.

Padrão de Distribuição

Distribuição é a soma de todos os contextos em que um morfema pode figurar. Pode ser opositiva, complementar ou livre.

a) Distribuição opositiva

Ocorre quando os dois morfemas em questão estão no mesmo contexto e têm significados diferentes. É pela distri-

buição opositiva que as técnicas de comutação e substituição realizam a identificação das unidades, como se mostrou acima.

Exemplos:

Refazer	re – fazer	Falavas	fal – avas
Desfazer	des – fazer	Cantavas	cant – avas
Perfazer	per – fazer	Andavas	and – avas

No exemplo, os morfemas derivacionais prefixais *re*, *des*, *per* e os morfemas lexicais *fal*, *cant* e *and* estão em distribuição opositiva, porque ocupam a mesma posição na cadeia do plano de expressão e geram diferentes significados.

b) Distribuição complementar

Ocorre quando dois morfemas ou signos cujo significado é semelhante, mas não podem figurar no mesmo contexto, porque o significante é diferente e o contexto também.

Exemplos:

Arroz al	Arroz – al	Menino
Cafe zal	Café – zal	Moleque
Mil haral	Milh – aral	Guri

Nos exemplos, os morfemas derivacionais sufixais *al*, *zal* e *aral* ocupam o mesmo ponto da cadeia do plano de expressão, têm significados semelhantes, mas não podem ser comutados, porque estão em ambientes fonológicos diferentes, logo estão em distribuição complementar. A distribuição complementar caracteriza o corpo léxico da língua, que se apresenta como constituído por metaforização e metonimização entre si, de tal forma que em um paradigma semântico uma unidade recobre a significação que a outra unidade não alcança, como no exemplo *menino*, *moleque* e *guri*.

Outros exemplos:

Os termos: *marido, esposo, homem, macho, amante, namorado, ficante, peguete* podem ser aplicados por uma mulher ao mesmo homem, porém em diferentes contextos. Ela somente usaria com seu chefe ou seus comandados no trabalho os nomes *marido, esposo* e *namorado*, nessa circunstância os outros nomes seriam proibidos. Entretanto, com suas amigas certamente usaria os outros nomes, porque representariam uma verdade social mais próxima do sentimento por esse homem. Na sociedade brasileira, esses nomes estão em distribuição complementar, ocupam espaços comuns e próprios dentro da significação acionada.

c) Distribuição Livre

Ocorre quando dois morfemas, cujo significado é igual e podem figurar no mesmo contexto.

Exemplos:

Anciãos	Anci – ãos	Listado	List – ado	Vilões	Vil – ões
Anciões	Anci – ões	Listrado	Listr – ado	Vilães	Vil – ães

Nos exemplos, os pares de morfemas ocupam o mesmo ponto da cadeia do plano de expressão e podem ser comutados entre si. O significado é o mesmo, por isso configuram uma distribuição livre entre eles.

5.3 Morfemas Aditivos

São segmentos fônicos desinenciais, com função classificatória, sufixais e prefixais, e com função derivacional, adicionados aos lexemas.

De conformidade com a função:

a) Função classificatória

São morfemas desinenciais que enquadram o lexema em categorias linguísticas. Eles se diferenciam em duas categorias, nominais e verbais e, por sua vez, flexionais e temáticos. Assim, existe na língua brasileira:

- A) Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais;
- B) Morfemas aditivos classificatórios temáticos nominais;
- C) Morfemas aditivos classificatórios flexionais verbais;
- D) Morfemas aditivos classificatórios temáticos verbais.

Exemplos:

- **Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais:**

As flexões nominais são os gêneros, masculino e feminino, e os números, singular e plural. Elas se caracterizam por terem marcas distintas em oposição no caso do masculino e do feminino ou por um ser marcado e o outro não ser, como no plural e singular.

Comutação e substituição:

Meninos Menina	Menin	o a	s zero
1	2	3	4

Vocábulo

- 1) Lexema
- 2) Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais marcas de gênero, masculino ou feminino;
- 3) Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais, marca de número plural e número singular não marcado ou zero.

Morfemas aditivos função classificatória: flexionais e temáticos nominais

Os temas nominais são os gêneros, masculino e feminino. Eles se caracterizam por serem monoformes: ou são masculinos ou femininos.

Comutação e substituição:

Mesas	Mes	a	S
Mesa		a	zero
Livros	Livr	o	s
Livro		o	zero
1	2	3	4

Vocábulos;

- 1) Lexemas;
- 2) Morfemas aditivos classificatórios temáticos nominais, marcas de gênero, masculino ou feminino;
- 3) Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais, marca de número plural e número singular não marcado ou zero.

Marcas de gênero masculino		Marcas de gênero feminino	
Menino	Menin – o	Menina	Menin – a
Poste	Post – e	Ponte	Pont – e
Amor	Amor – Ø	Flor	Flor – Ø

Obs: São marcas de masculino o, e, Ø; são marcas de feminino a, e, Ø. As palavras com as marcas e ou Ø, tanto no masculino quanto no feminino, para dirimir as dúvidas quanto ao gênero, é preciso observar os morfemas relativos determinantes adjetivos: artigos e pronomes. Substâncias estrangeiras que se tornam palavras na língua podem ter na ortografia as marcas de gênero não colocadas. Outras palavras, mesmo tendo

origem no latim ou no português, fazem o gênero por derivação sufixal como a marca de gênero: *abade* – *abadessa*, *poeta* – *poetisa*, *ator* – *atriz* etc.

Morfemas aditivos classificatórios flexionais nominais, marca de número plural e número singular.		
Menino – meninos Poste – postes Amor – amores Menina – meninas Ponte – pontes Flor – flores Papel → papéis → papees → papéis Tijolo → tijolos	Singular sempre não marcado: Morfema zero	As marcas de plural são: s ou es.

Morfemas aditivos função classificatória: flexionais e temáticos verbais

Obs: Esses morfemas apresentam a característica de acúmulo de significações em um único segmento fônico, por isso, também são chamados de **cumulativos**.

Flexionais

- Modos são o indicativo, o subjuntivo e o imperativo;
- Tempos do indicativo: 1 - presente, 2- pretérito perfeito, 3- pretérito imperfeito e 4- pretérito mais que perfeito, 5- futuro do presente, 6- futuro do pretérito;
- Tempos do subjuntivo: 7- presente, 8- pretérito imperfeito e 9- futuro;
- O imperativo existe nas formas afirmativa e negativa.
- número e pessoa (N/P): 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular (*eu, tu, ele/ela/você*) e 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural (*nós, vós, eles/elas/vocês*).

- As marcas dos morfemas flexionais verbais: número e pessoa (N/P) e tempo e modo (T/M).
- N/P: eu – o, i, Ø; você/ele/ela – u, Ø; nós – mos; vocês/ eles/elas – am, ão; vós – is, astes, des; tu – s, aste.
- T/M – indicativo
- 1 – presente – Ø zero; 2- pretérito perfeito – va, a; 3- pretérito imperfeito – sse; 4- pretérito mais que perfeito – ra; 5- futuro do presente – re, ra; 6- futuro do pretérito – ria.

Exemplos:

Tu compr	a	Ø	S
Tu compr	a	va	s
Eu vend	i	a	Ø
Nós part	i	a	mos
Nós vend	e	re	mos
Vós vend	e	re	is
Eu beb	e	re	i
Tu beb	e	rá	s

- T/M do subjuntivo: 1 - presente - Ø, 2 - pretérito imperfeito – sse; 3 – futuro – r.

Exemplos:

(que) eu compr	E	Ø	Ø
(se) Tu compr	a	sse	s
(se) nós compr	a	sse	mos
(se) nós compr	a	r	mos
(se) vós vend	e	r	des

Obs: *Tu* e *vós* estão em desuso na fala e na escrita moderna e pós-moderna, mas existem na literatura dos movimentos literários precedentes. Na fala, a maioria dos sujeitos usa o *você* e o *vocês* para o interlocutor com o verbo conjugado na

forma das 3^{as} pessoas. Essa é a maior herança da fala dos escravos na sintaxe da língua brasileira. Eles usavam uma derivação do vossa mercê > vosmecê/ voncê/ vancê, atualmente você, ocê, cê, pronome de tratamento. Assim, as formas de 2^a pessoas caíram em desuso, e junto com elas os pronomes oblíquos e possessivos correspondentes. O pensamento dos sujeitos falantes impôs à língua a solução contra a ambiguidade, inventaram-se as formas de+ele, de+ela, de+eles e de+elas: deles, delas, deles e delas, porque seu, sua, seus e suas, na fala, referem-se ao você e ao vocês. Na escrita, na maioria das vezes, usam-se os pronomes possessivos na constituição frasal original, procurando uma solução sintática textual para a ambiguidade.

Temáticos

- 1^a conj.: Tema em a. Exemplos: *comprar, falar, andar, viajar etc.* Essa é a conjugação aberta do português brasileiro, quer dizer que somente nela é possível acrescentar novos verbos;
- 2^a conj.: Tema em e. Exemplos: *vender, beber, correr, perder, por (poer) etc.* Conjugação fechada, não é possível acrescentar verbo nela;
- 3^a conj.: Tema em i. Exemplos: *falir, cair, pedir etc.* Conjugação fechada, não é possível acrescentar verbo nela.

b) Função derivacional

Ao serem adicionados, expandem, ou particularizam, ou alteram o sentido do vocábulo. De acordo com a posição em relação ao lexema, são nomeados de prefixo, sufixo ou infixos.

No português brasileiro não existe infixo. Os prefixos têm a característica de nunca alterem a classe gramatical do vocábulo, por sua vez, os sufixos podem ou não alterar a classe da palavra.

Exemplos:

Vocábulo: desparticularizavam.

Des	Par	Ti	Cul	A	r	iz	a	va	m
	Par	Ti	Cul	A	r	iz	a	va	
	Par	Ti	Cul	A	r	iz	a		
	Par	Ti	Cul	A	r	iz	a		
	Par	Ti	Cul	A	r				
	Par	Tí	Cul	a					
	Par	Te							
	par								
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

- 1) Morfema aditivo derivacional prefixal;
- 2) Morfema lexical – lexema;
- 3) Morfema aditivo derivacional sufixal;
- 4) Morfema aditivo derivacional sufixal formador de diminutivo;
- 5) Morfema aditivo classificatório temático verbal da 1ª conjugação, forma verbal latente;
- 6) Morfema aditivo derivacional, formador de infinitivo, forma verbal latente;
- 7) Morfema aditivo derivacional formador de verbos;
- 8) Morfema aditivo classificatório temático verbal da 1ª conjugação;
- 9) Morfema aditivo classificatório flexional verbal marca do pretérito imperfeito do indicativo da 1ª conjugação;

10) Morfema aditivo classificatório flexional verbal marca da 3ª pessoa do plural.

5.4 Morfemas substrativos

São morfemas que caracterizam o vocábulo pela retirada de uma marca morfológica. A subtração de um segmento fônico, que é morfema caracterizador de uma significação, produz outra significação. São chamados também de substrativos e quando a subtração ocorre em um verbo, são chamados de nomes deverbais. São de pouca frequência na língua do Brasil.

a) Nomes que, em tese, formam feminino pela perda do “o”, são originados na evolução do latim para o português.

Exemplos:

Órfão Órfã	Órfã Órfã	o – Morfema aditivo classificatório flexional nominal marca do gênero masculino
Irmão Irmã	Irmã Irmã	o - Morfema aditivo classificatório flexional nominal marca do gênero masculino

Pela comparação dos dois exemplos, a forma do masculino tem a marca típica o mantida na evolução do vocábulo, e a forma do feminino a marca típica a sofreu crase na evolução do termo do latim vulgar para o português:

hermana > hermano>	hirmana > hirmano>	irmãa > irmão	Irmã
Metafonia e >i	Nasalização	crase	

Segue a mesma regra Órfão/órfã que vem do latim *orphanus* etc.

b) Nomes deverbais:

A partir de um verbo um substantivo é formado. São assim reconhecidos porque a significação do nome, que normalmente remete a uma referência estática, nesses casos mantém a significação dinâmica típica do verbo.

Exemplos:

Debater	Debate - r	r – Morfema aditivo derivacional marca do infinitivo.
Debate		
Caçar	Caça - r	<i>Debate</i> e <i>caça</i> são substantivos que mantêm a significação dinâmica do verbo.
Caça		

5.5 Morfemas alternativos

São significações que se diferenciam uma das outras pela presença no mesmo contexto fônico de um fonema vocálico, na alternância vocálica, e de um consonântico, na alternância consonantal, formando um paradigma em distribuição opositiva.

a) Alternância vocálica

- fonemas vocálicos formam o paradigma em distribuição opositiva, que podem estar em duas circunstâncias funcionais, ser função morfêmica básica ou ser função submorfêmica ou redundante.

Exemplos:

Básica: Nesses exemplos abaixo a distinção da significação é feita pela mudança de um fonema vocálico, sendo essa a única mudança.			
Avô ou vovô	Av – ô	Faz	F – a – z
Avó ou vovó	Av – ó	Fez	F – e – z
		Fiz	F – i – z

Submorfêmica: nesses exemplos abaixo observe-se que a marca básica do plural em olhos é o s, mas uma abertura do timbre da vogal tônica atua como uma segunda distinção do plural. Na língua brasileira, na fala popular, essa segunda marca pode desaparecer. Assim a pronúncia fica: ou a marca básica pode ser mantida ['olʰʊs → 'ɔʱʊs] ou a marca básica ser apocopada [meʊ'zɔʱʊs] → [meʊ'zɔʱ]. Essa realização se estende para os outros exemplos semelhantes: tijolos, leprosos, gostosos etc. Em ele – ela, a marca do feminino básica é o típico a, mas ocorre a abertura do timbre na vogal tônica. Essa realização se estende também para os outros exemplos semelhantes: aquele – aquela, esse – essa e nele – nela.

Olho	Olh – o – s ['olʰʊs]	Ele	El – e
Olhos	Olh – o	Ela	El – a ['ɛʎ]

a) Alternância consonantal:

Nesse caso o paradigma é formado por fonemas consonantais. Esse caso ocorre somente com os verbos irregulares na 1ª pessoa do singular.

Exemplos:

Eu peço	Pe – ç – o	Eu faço	Fa – ç – o
Você pede	Pe – d – e	Você faz	Fa – z

c) Alternância prosódica:

Essa alternância é da posição do acento tônico, que constitui a única diferença entre os vocábulos. É comum na língua portuguesa brasileira na ortografia dos vocábulos o diacrítico da acentuação, ele é a garantia da correta leitura.

Exemplos:

Sáira – sairá	Secretaria – secretária
Falara – falará	Fábrica – fabrica
Sábia – sabia	Distância – distancia
Etc.	

5.6 Morfema zero

Acontece quando, numa distribuição opositiva, ocorre a ausência de unidade de significante ou segmento fônico, em oposição à presença em significação oposta.

Obs.: não é a inexistência de morfema, é a ausência do significante.

Exemplos:

Autor Autora	Autor + Ø Autora + a	Morfema aditivo classificatório flexional nominal marca de gênero, <i>a</i> para o feminino e Ø para o masculino.
Livro Livros	Livro + Ø Livros + s	Morfema aditivo classificatório flexional nominal marca de número, <i>s</i> para o plural e Ø para o singular.
Eu falava Eu falei	Fal + a + va + Ø Fal + e + Ø + i	Morfema aditivo classificatório flexional verbal marca de tempo e modo e número e pessoa, <i>va</i> para o pretérito imperfeito do indicativo na 1ª conjugação e Ø para o pretérito perfeito do indicativo.

5.7 Morfemas latentes

Acontece quando numa distribuição opositiva ocorre ausência de unidade significante ou segmento fônico para as duas significações gramaticais em oposição (gênero e número ou singular e plural). Esses significados são marcados por morfemas dependentes determinantes como marcas explícitas.

Exemplos:

Artista A artista	O artista A artista	O e a são adjetivos artigos, morfemas dependentes, que definem o gênero de <i>artista</i> .
Lápis Os lápis	O lápis Os lápis	O e os são adjetivos artigos, morfemas dependentes, que definem o número de <i>lápis</i> . Nesse vocábulo, o morfema de número está latente.

5.8 Morfema Posicional

Esse morfema não é de natureza segmental, ocorre no texto, quando se dá ênfase para uma significação pela posição das palavras. São comuns nos substantivos compostos formados por nomes em que adjetivo e substantivo são trocados de posição. Também são comuns nas criações neológicas mudando a posição dos termos no plano de expressão.

Exemplos:

Homem grande	Refere-se à altura do homem.
Grande homem	Refere-se à moral do homem.

5.9 Morfema de relação

Esses são morfemas que atuam como formas dependentes. São colocados entre os nomes e verbos e modificam a estrutura sintática do plano de expressão. As classes gramaticais de Morfemas de relação ou dependentes são pronomes, artigos, conjunções, preposições.

Exemplos:

Dois rios SKANK O céu está no chão O céu não cai do alto É o claro, é a escuridão.	<i>O, no, do, a</i> modificam o significado. Os artigos definidos apontam para um significado restrito, assim os substantivos que acompanham são identificados de uma maneira específica. As preposições por sua vez são espécies de advérbios que realizam referências dêiticas de tempo e espaço, no caso <i>de</i> e <i>em</i> são dêiticos espaciais.
--	---

5.10 Morfema Suprasegmental:

São morfemas comuns em todas as línguas, são instalados no texto pela melodia da fala ou pela pontuação na escrita. Quando a melodia da fala em uma língua exige atenção de quem lê o texto escrito, como no castelhano, a pontuação é escrita antes e depois da expressão. Na língua brasileira a entonação, morfema suprasegmental de que se fala, incide sempre no final da expressão, por isso a pontuação na escrita sempre vem escrita no final. Morfemas suprasegmentais em língua brasileira são a afirmação, a interrogação e a exclamação.

Exemplos:

Afirmação	Interrogação	Exclamação
Ela viajou.	Ela viajou?	Ela viajou!

5.11 Morfemas repetitivos

Na fala de caráter afetivo, quando se quer transmitir uma carga emocional especial, na língua brasileiro faz-se a repetição da sílaba tônica do vocábulo. São comuns na fala vinculada a infância, em que muitos vocábulos somente existem nesse formato.

Exemplos:

Pai	Papai
Mãe	Mamãe
Dói	Dodói
Avô	Vovô
Tio	Titio

Somente existe no formato repetitivo: *Cocô, xixi, pipi, ninar, mamar, papa etc.*

6. EMPRÉSTIMOS DE VOCABULÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Uma língua pode, por exemplo, tomar emprestadas palavras de outra distinta, e servir-se delas realmente como de uma substância. Também neste caso essas palavras somente serão substância por referência à língua que as toma emprestadas, porém não em si mesmas. Em um sentido absoluto, dentro da língua não pode existir substância sem forma, já que tudo nela está orientado em direção a um fim determinado, a expressão das ideias, e que este seu trabalho começa já em seu primeiro composto, o som articulado, que vem a ser de tal modo, justamente pela forma que recebe (HUMBOLDT, 1836, 45, tradução livre).

As palavras que são emprestadas de outras línguas sofrem a ação formal da língua que emprestou. A língua brasileira é cheia de empréstimos: das línguas indígenas, sobretudo, do Tupi e do Tupinambá, e de outras línguas indígenas também, das línguas africanas dos escravos, principalmente o Quimbundo, isso como herança do período em que no Brasil não se falava português e sim as línguas gerais - línguas do branco e outras línguas.

A língua portuguesa do Marquês de Pombal está carregada de empréstimos do latim clássico de origem católica e acadêmico-religiosa, bem como de francesismos e hispanismos, que vieram para o Brasil com a imigração portuguesa e a implantação da língua. Com a descolonização do Brasil, uma conseqüente decolonialidade começou e avançou sempre. A língua portuguesa brasileira assumiu outras

relações, primeiramente com a grande imigração europeia e oriental, em seguida com a língua dos Estados Unidos, sobretudo, a língua da tecnologia e das relações exteriores. A língua brasileira originada do Português tem muitas contribuições de outras línguas.

Não se pode dizer que uma palavra usada na fala de um nativo seja estrangeira, porque faz parte do léxico geral da língua, logo está funcionando como substância para o exercício de transmitir pensamento. O pensamento adapta as substâncias da expressão a forma da língua, logo, na língua não tem substância, só tem formas. Então, como disse Humboldt, o que foi emprestado foi uma substância que foi formatada pelas estruturas da língua que emprestou. Nada que seja estranho as formas da língua continua a existir dentro dela, por isso a substância emprestada, se não puder ser formatada nas regras da língua que emprestou, será eliminada.

Uma vez formatada a substância pode receber qualquer morfema derivacional da língua que a recebeu, no caso da língua brasileira que tem morfemas flexionais obrigatórios para nomes, como gênero e número, a substância estará formatada dentro de um dos gêneros, masculino ou feminino, e será usada no singular ou no plural. Além disso, estará submetida a ação dos morfemas suprasegmentais, que existem em todas as línguas, cada uma de uma maneira diferente.

Já se mostrou nesse texto exemplos da contribuição do tupi e das línguas dos escravos africanos. A língua recebeu substância lexical de outras línguas também. Do latim: o léxico da língua portuguesa é basicamente herança do latim, a língua brasileira herdou do português a maior parte de seu vocabulário, mas é preciso separar o léxico que veio do latim vulgar para o galego português e depois para o português e o léxico que veio do latim clássico após a con-

solidação do português como língua nacional de Portugal e colônias. Léxico esse que tem origem na religião ou na ciência e é anterior, na maioria dos casos, à Independência do Brasil.

Muitos são os casos em que na língua brasileira se tem a palavra que chegou via latim vulgar e a mesma palavra que chegou via latim clássico, apesar de terem a mesma raiz do latim, têm significados distintos: *ocular* → olho, *óculos*, *digital* → dedo, *capilar* → cabelo, *capo*, *cabeça*, *áureo* → ouro, *pluvial* → chuva, *pluviométrico*, *pluviômetro*, *médio* → meio, *pleno* → cheio, *mácula* → mágoa, *mancha*, *pater* → pai, *pater*, *matre* → mãe, *materno*, *campus* → campo, *campanha* etc.

Um bom número de palavras chegou do grego ao português e ao brasileiro via latim, vulgar e clássico ou por meio de híbridos: *bispo*, *episcopado*, *diácono*, *pároco*, *oftalmologia*, *odontologia*, *biologia*, *filologia*, *telefone*, *telégrafo*, *microfone*, *sociologia*, *filosofia*, *televisão*, *burocracia*, *decímetro* etc.

São de origem asiática: *azul*, *bambu*, *berinjela*, *chá*, *jangada*, *leque*, *laranja*, *tafetá*, *tulipa*, *turbante*, *sushi*, *sashimi*, *yakisoba*, *shoyu*, *saquê*, *caraoquê*, *ykebana*, *caratê*, *jiu-jitsu*, *judô*, *sumô*, *quimono*, *bonzo*, *camicase*, *dekassegui*, *gueixa*, *samurai*, *xogum*, *biombo*, *haraquiri*, *iene*, *mangá*, *ofurô*, *micado*, *tsunami* etc. O hábito de terminar as frases com *né*, certamente oriunda da língua brasileira falada pelos imigrantes japoneses e descendentes.

Do inglês e do inglês dos Estados Unidos: *futebol*, *bife*, *corner*, *pudim*, *repórter*, *sanduíche*, *piquenique*, *Coca-Cola*, *computador*, *internet*, *show*, *xampu*, *shopping*, *gol*, *sanduíche*, *estresse*, *hambúrguer*, *pingue-pongue*, *coquetel*, *jóquei*, *lance*, *blecaute*, *quitinete*, *rosbife*, *deletar*, *cartum*; *náilon*, *faroeste*, *imbróglho*, *crachá*, *drinque*, *outdoor*, *drive thru*, *off line*, *on line*, *cash*, *telemarketing* etc.

Do italiano: *adágio, alegre, andante, confete, gazeta, macarrão, talharim, piano, mortadela, serenata, salame, bagatela, balaústre, bancarrota, banho, barraco, batalhão, batuta, bisbilhoteiro, bisca, biscoito, bisonho, bizarro, boletim, borrasca, bravo, bravata, carbonário, cebola, estrambótico, estropear, vila, pizza, truco, trampolim, tômbola, tchau, tarrantela, rúcula* etc.

7. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

1) Derivação: prefixal, sufixal e parassintética

Nas partes anteriores, estudaram-se os prefixos, os sufixos. Os sufixos estão posicionados após o lexema e os prefixos antes dos lexemas. Quando uma palavra é formada pela adesão simultânea de um prefixo e um sufixo, ela tem sua formação chamada de parassíntese.

a) Derivação prefixal, veja nos exemplos:

Irreal – prefixo *i* + o lexema *real*;

Conjugação – prefixo *com* + *jugação*.

b) Derivação sufixal, veja nos exemplos:

Realmente – lexema *real* + o sufixo *mente*;

Regressiva – *regress* + o sufixo *iv* + o morfema de gênero *a*.

c) Derivação parassintética, veja nos exemplos:

Ajoelhar – prefixo *a* + o lexema *joelh* + o morfema temático *a* + o sufixo de infinitivo *r*;

Empobrecer – prefixo *em* + o lexema *pobr* + o sufixo *ecer* (*ec* + morfema temático *e* + morfema de infinitivo *r*).

2) Derivação imprópria

Ocorre quando a palavra, devido ao ambiente sintático, assume significação de outra classe gramatical. Isso pode

ocorrer com qualquer palavra, por isso alguns linguistas dizem que o nome não deve ser derivação imprópria, chamam-na de conversão ou translação.

De acordo com Valter Kehdi, *Formação de Palavras do Português*, página 29:

Como exemplos de conversão, em português, temos a passagem:

a) de substantivo próprio a comum: *quixote* — *macadame* — *champanha*;

b) de substantivo comum a próprio: *Figueira* — *Ribeiro* — *Fontes*;

c) de adjetivo a substantivo: *circular* — *brilhante* — *ouvinte*;

d) de substantivo a adjetivo: *burro* — (guerra) - *relâmpago*;

e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: *Silêncio!* — *Bravo!* — *Viva!*;

f) de verbo a substantivo: *afazer* — *pesar* — *andar* — *quebra* — *vale* — *pêsame*;

g) de verbo e advérbio a conjunção: *quer...quer* — *seja...seja* — *ora...ora*;

h) de adjetivo a advérbio: (falar) *alto* — (custar) *caro*;

i) de particípio (presente/passado) a preposição: *mediante* — *salvo* — *exceto*;

j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: *resoluto* — *vista* — *ferida*;

l) de palavras invariáveis a substantivos: (o) *sim* — (o) *não* — (o) *porquê*.

No caso da translação, há sempre um item lexical que faz o papel de translativo, pode ser um artigo, quando se tratar de transladar para a classe dos substantivos, de uma preposição, quando se tratar de transladar para a classe dos adjetivos ou advérbios. Para transladar para os adjetivos, a

preposição é de: *horário de almoçar, horário do almoço, horário de almoço*. Pode ser sem a preposição: *dia santo, abóbora menina, abóbora italiana, couve-flor etc.*

Nem sempre se trata de mudança de classe literalmente, mas de um valor produzido na estruturação sintática do texto que gera uma significação típica de outra classe de palavras, como adjuntos e apostos que são constituições qualificadoras ou circunstanciais, casas sintáticas ocupadas por verbos ou por substantivos.

Exemplos:

Só aceito como resposta um sim.

Nessa oração, o advérbio *sim* assume o valor de um substantivo.

Foi o careca que marcou o gol.

Nessa oração, o adjetivo *careca* assume o valor de substantivo.

Neste texto têm-se muitos exemplos. Vejam os destaques no parágrafo anterior!

3) Derivação regressiva

São palavras formadas pela retirada de parte da palavra primitiva. Substantivos que são formados a partir de um verbo, chamados por isso de deverbais.

Exemplos:

Busca – vem do verbo buscar, pela retirada do morfema de infinitivo r;

Debate – vem do verbo debater, pela retirada do morfema de infinito r.

Perda – perder; afago – afagar; apelo – apelar; alcance – alcançar; etc.

Há uma regra básica para os nomes deverbais, são sempre nomes para ações. Diga-se, assim, que os

substantivos mantêm a dinamicidade típica do verbo do qual deriva.

4) Composição por justaposição e por aglutinação

a) Justaposição e criações neológicas ou neologismos

Item lexical construído por justaposição trata-se de termos colocados lado a lado integralmente, produzindo um valor diferente dos termos justapostos. Exemplos muito comuns são dos dias da semana em português: *segunda-feira, terça-feira etc.* Também muito comuns são nomes domésticos como *guarda-roupa, guarda-comida, guarda-apos, guarda-chuva, guarda-sol etc.* Ainda com o verbo *guardar, guarda-civil, guarda-florestal, guarda de trânsito etc.*

Pode-se fazer uma análise de cada um, demonstrando a formação deles: *substantivo + substantivo, substantivo + adjetivo, adjetivo + advérbio, verbo + substantivo etc.* A composição de nomes, quando se trata de neologismos, pode variar quase infinitamente, desde a junção de dois termos, chamados de nomes compostos, até um número grande de termos, como costumam ser os nomes das empresas públicas. Podem ser citadas a *Universidade Federal de Goiás - UFG, a Universidade Federal do Vale do São Francisco, o Museu Antropológico Nacional - MAN, a Usina de eletricidade binacional Brasil - Paraguai de Itaipu - Itaipu etc.*

Veja que os nomes compostos por um número muito grande de termos levam os sujeitos falantes a encontrar uma forma mais veloz e mais fácil de se referirem a instituição, são as chamadas abreviaturas: *UFG, USP, UNESP, UNICAMP, UFRJ, UFCE, UFMT, UFTM, MAN, MASP, CESP, IPASGO, CELG, DF, FAPEMIG, FAPESP, FAPEG etc.*

Para pessoas, não incomuns são as corruptelas, sobretudo na intimidade: Sebastião → Bastião → Tião, Aurélio → Rélio, Joaquim → Quim, Francisco → Chico, Fernando/a → Nando/a, Francivaldo → Valdo, Alexandre → Xande ou Alex, Maria → Ia ou Ma etc.

Referências

- ALVES, I. M.. Neologismo, Ática, 1995
- BASÍLIO, M. "A Morfologia no Brasil: Indicadores e Questões", DELTA, 1999
- CARONE, F. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1990
- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2001
- FIORIN, J. L. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002
- GONÇALVES, C. A. *Introdução aos estudos morfológicos: flexão e derivação em português*. São Paulo: Contexto, 2011.
- Infantes, Ulisses. *Curso de Gramática Aplicada aos textos*. São Paulo: Scipione, 1996.
- KEHDI, V. *Formação de palavras do português*. São Paulo: Ática, 2002
- KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 2001.
- LEMOS, J. M. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002
- MATTOSO C MARA JR., J. *A estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Princípios de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1998
- ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, Editora Kelps, declara que este livro foi impresso com papel produzido de floresta cultivada em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da EDITORA
KELPS, no papel: Polén Natural LD 80g,
composto nas fontes Minion Pro corpo 11;
Bookmania,
Outubro, 2023

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor